

Jean-Pierre, o homem que descobriu Raoni

Leila Tourinho

Ele não veio acompanhado de Sting, muito menos do cansativo Raoni Jean-Pierre Dutilleux, responsável pelo encontro entre o cantor inglês e o chefe dos Caiapós, e a repercussão da viagem dos dois andarilhos pelo mundo, acaba de deixar a sede internacional da Fundação Mata Virgem. De passagem rápida pela Bahia, a trabalho da revista *Paris Match-Voyage*, na cobertura do potencial do turismo ecológico em Manaus,



Foto: Roberto Cavallini

Jean-Pierre: intérprete entre Sting e Raoni

Dutilleux não escondeu sua irritação diante da polémica, criada por parte da imprensa, a respeito da fundação. "Muitas acusações foram feitas por pessoas mal-informadas para desacreditar o movimento e seus fundadores, mas Sting nunca fez isso para se autopromover: ele já tem promoção demais. Dediquei três anos de minha vida, a custa de muitos sacrifícios pessoais, fiquei de intérprete entre Sting e Raoni durante esse tempo e não recebi um centavo da fundação. Meu trabalho foi inteiramente voluntário. Nem Sting nem eu tivemos acesso ao dinheiro arrecadado, que sempre foi e está, até hoje, sob o controle de uma auditoria internacional", dispara. Bem-humorado, falando fluentemente Português (alem de dominar o Inglês, Espanhol, Francês e um pouco de Caiapó), o belga Jean-Pierre Dutilleux passa uma imagem de quem está de bem com a vida. "Ele não foi a toa que, aproveitando a oportunidade da entrevista, ele se dirigiu a todos, principalmente aos artistas brasileiros, que apoiaram as andanças pelo mundo em defesa da demarcação dos Caiapós: "A todos os artistas brasileiros, como Egberto Gismonti, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Mana Bethânia, Milton Nascimento e todos os

jornalistas que nos apoiaram, porque, hoje em dia, a mídia é muito importante para esse tipo de trabalho, e aos amigos que nos ajudaram de uma maneira discreta, mas eficaz. Sem eles, sem o apoio deles, nada teria acontecido".

MATA VIRGEM

Apos a viagem ao Xingu com Sting, Jean-Pierre Dutilleux, cineasta e fotógrafo, escreveu uma reportagem sobre a aventura com os Caiapós. A primeira foi publicada na revista *Actuel*, e a repercussão foi quente. "Querida, cada vez, que fosse publicada, que essa matéria fosse editada de maneira correta. Com todo respeito ao Sting e aos índios também. Era uma maneira de proteger a imagem dele e a dos índios. Acompanhei pessoalmente quase todas as publicações em mais de 12 países, durante seis meses". Com o dinheiro arrecadado com as publicações das matérias, Dutilleux teve a ideia de criar uma fundação. Ele deu o dinheiro a Sting, que o guardou por 48 horas, e depois, o devolveu, concordando com a criação de um fundo.

A primeira fundação foi criada nos Estados Unidos, na Califórnia, a "Rain Forest Foundation" (com 30 mil dólares arrecadados com a re-



Foto: AFP

O cantor Sting (E) deu notoriedade internacional a Raoni

portagem de Jean-Pierre). Em 1980, com a participação de Raoni e do Conselho da Aldeia, foi elaborado um projeto de demarcação de terras dos Caiapós, que não estava delimitada, e havia ainda índios isolados. A Funai não tinha condições de pagar essa demarcação. A área, inclusive, foi designada como área indígena. Raoni, como não conseguia apoio no Brasil, chamou Sting e Dutilleux para tentar conseguir apoio em outros países. Daí, surgiu a ideia de fazer uma viagem de volta ao mundo. Foi assim que a fundação respondeu ao pedido dos Caiapós para criar uma grande reserva florestal, no norte do Mato Grosso e sul do Pará, que seria uma extensão do Parque Nacional do Xingu. A Fundação Mata Virgem levantou, em um ano, cerca de três milhões de dólares (hum milhão e 720 mil libras), surpreendendo os próprios integrantes, que tinham o plano de levantar esse valor em três anos. Desilgado da fundação, Dutilleux explica o motivo do seu afastamento: "Me retirei para voltar a minha vida profissional, pessoal e aos meus compromissos. A fundação está em boas mãos. O atual presidente é o antropólogo Olimpio Serra, irmão de Ordep Serra, que foi escolhido pelos próprios índios, o vi-

ce é Megaron (sobrinho de Raoni), além de fazerem parte Barusi (Escola de Medicina de São Paulo), André Vilas Boas, Maria Eunice Paiva (advogada), entre outros. A sede internacional fica em Nova Iorque e já existem fundações na França, Bélgica, Inglaterra, Noruega, Austrália, Japão, Brasil, Espanha, Alemanha e Holanda. Por exemplo, se a Fundação Mata Virgem no Brasil tem um projeto específico, ela envia o projeto com o orçamento para a sede internacional, que, por sua vez, procura saber quem quer participar do projeto. O dinheiro é enviado com auditoria em Brasília e Nova Iorque. No momento, a maior parte do dinheiro arrecadado da viagem está guardada, a pedido de Raoni e dos índios, num banco, em Londres, rendendo juros para a demarcação da área Kubenkröken

VOLTA AO MUNDO

Com o apoio dos amigos influentes em Paris, como o jornalista Bernard Laine e o editor Jean-Claude Latès, a viagem que a princípio seria somente a Paris estendeu-se a outros países, como: Bélgica, Suíça, Itália, Inglaterra, Dinamarca, Suécia, Holanda, Noruega, Espanha, Estados Unidos (Nova Iorque e Los Angeles), Canadá, Austrália e Japão. Segundo Jean-Pierre Dutilleux,

a viagem foi organizada para Sting e Raoni sem gastos para a fundação. Para Jean-Pierre Dutilleux, a volta ao mundo foi em 60 dias. Entre as personalidades com que Raoni e Sting se encontraram estão o papa João Paulo II, o príncipe Charles, da Inglaterra, o rei Juan Carlos, da Espanha, e o presidente francês François Mitterrand.

Mas, segundo Dutilleux, o grande responsável para que a viagem desse certo foi o presidente francês, François Mitterrand. "Graças ao apoio do presidente francês, que tomou uma posição firme, mesmo in-do de encontro ao seu próprio Ministério de Relações Exteriores, que afirmou que o encontro podia afetar as relações entre o Brasil e França. Mesmo assim, ele recebeu Raoni". Sobre a viagem, Dutilleux conta que existem histórias curiosas, como a intuição de Raoni de que seria recebido pelo presidente francês. Nenhum deles imaginava que esse encontro poderia ser possível. Eles foram acreditando ser recebidos pelo secretário do presidente para apresentar um pedido de audiência. Quando Raoni intuiu então que viria o chefe dos franceses. A mesma sensação foi em relação ao papa. "As coisas que Raoni falou para o papa João Paulo II foram incríveis".

De volta ao Brasil, começa a parte mais difícil de toda a viagem. "A proposta é dar uma força para os índios brasileiros. Tinha que ser uma fundação brasileira, formada por brasileiros. Sting foi apenas um porta-voz e eu, um intermediário. Havia muita pressão, grupos de interesse contra o que estávamos fazendo (madeireiros, fazendeiros, mineradores etc.). A Funai fez um estudo sobre a reserva, que apresentamos ao presidente Sarney. Agora, já existe um decreto interdito a área. O próprio presidente Sarney autorizou a criação de um convênio entre a Funai e a Mata Virgem para esse trabalho.

Com o governo Collor, vamos ver o que vai acontecer. Estou com

grandes esperanças. No dia em que o presidente Collor colocar o primeiro marco na área da demarcação, será um gesto concreto desse novo governo demonstrar suas intenções em relação a proteção do meio ambiente e da Amazônia. Mas, segundo informações da sucursal da *Folha de S. Paulo*, em Brasília, no dia 6 de maio, o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, não tem pressa em nomear o novo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai) e definir a política indigenista do governo Collor. O que é pior, diz a *Folha*: "O governo Sarney também não fez a demarcação definitiva do território Caiapó no sul do Pará, apesar da doação de um milhão de dólares do cantor Sting para a tarefa". Resta-nos, assim como a Jean-Pierre Dutilleux, ficar atentos para a nova política indigenista a ser adotada no governo Collor. Afinal de contas, existem muitas pressões, principalmente das madeireiras interessadas nos castanheiros seculares da reserva. Além disso, a orientação que o governo Sarney deu a Funai, em seu último ano, foi de que não resolvesse questões polémicas, já que se tratava de um ano eleitoral. Enquanto permanece o impasse se a Funai vai mesmo ser repassada para a Secretaria do Meio Ambiente (até o momento, responde pelo órgão o superintendente geral, coronel Airton de Alcântara Gomes), a questão da demarcação definitiva das terras dos índios permanece uma incógnita. Mas, caso a Secretaria do Meio Ambiente exerça o controle da Funai, menos mal. Afinal, espera-se que o atual secretário, o ecologista José Lutzenberger, tome posições firmes sobre o caso. Pelo menos até agora, segundo um jornal do Sul, ele tem demonstrado interesse em assumir a Funai. Resta, na prática, acompanharmos o seu desempenho. Ironia do destino ou não, José Lutzenberger é também conselheiro consultivo da fundação Mata Virgem no Brasil.